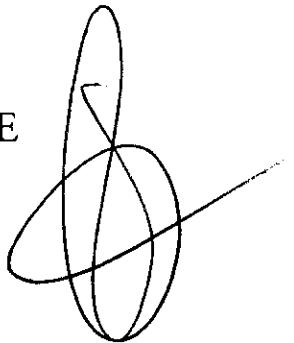


LUIZA NETO JORGE



p o e s i a

1960-1989

OS SÍTIOS SITIADOS • A LUME • DISPERSOS

organização e prefácio
FERNANDO CABRAL MARTINS

© ASSÍRIO & ALVIM
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 67-B, 1100 LISBOA

FOTOGRAFIAS POR:
DULCE ARAÚJO (PÁG. 8)
MARIA FILIPE RAMOS ROSA (PÁGS. 16 E 17)

EDIÇÃO 357, EM DEZEMBRO DE 1993
DEPÓSITO LEGAL N.º 63413/93
ISBN 972-37-0352-1

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO POR MARIA DA GRAÇA MANTA
E IMPRESSO NA GUIDE – ARTES GRÁFICAS, LDA.



A DIVISIBILIDADE: A VISIBILIDADE A DOIS

A mulher divide-se em gestos particulares
o homem divide-se também. Se o átomo é
divisível só o poeta o diz.

A mulher divide-se em gestos
extremos coloridos arenosos destilados.

Dois homens são duas divisões de uma
casa que já foi um animal de costas
para o seu pólo mágico.

A divisibilidade da luz aclara os mistérios.
A mulher tem filhos. Descobrem-se
partículas soltas um dedo mínimo
o peso menos pesado da balança
um cabelo eloquente em desagregação.

Gestos estrídulos dividem a mulher
o homem divide-a ainda.

OUTRA GENEALOGIA

I

O poeta é um animal longo
desde a infância

II

Começaria o animal por ser
um movimento lento sob a treva

III

Povoadas estão as salas
por crias não humanas
roedoras criaturas
causticando

122

IV

Vinde animais míticos
ou os místicos com seu santo atento
os que escoiceiam no pino do outono
hermafroditas
raptores de mulheres
os procriadores de crianças
os heráldicos
tampas de caixão
os homens por equívoco
os voadores voláteis
súcubos
satanaizes
vinde selvagens animais
dentro dos ossos
vorazes

V

Não aceito as classes zoológicas
nada que lhes facilite
a tão terrestre permanência
tão aérea tão aquática
tão misteriosa tão cósmica
circulação
a tão cheia de facilidades naturais
de naturais dons da natureza
dos prados dos rochedos das águas doces
das almofadas

123

FÁBULA

Entre deitar-me e levantar-me
sento-me ajoelho-me acrobato
aprendo uma infinidade de gestos que
me conduzem a um sem número de situações
mais densas
a umas impiedades do corpo e quantas
duras dores de dentes
transportadas ao espirito que me eliminam
do outro reino animal

Um animal (qualquer)
se alça a pata espessa sobre o mundo
atormenta

O animal entende-se:
tem cascos põe-os a render
tem pele aquece
fecha-se nos olhos para adormecer
tudo quanto lembra esquece

Dispende-se.
Permanece.

DOS PÁSSAROS

Dos pássaros os
de mais nobre pio
são divindades soltas
num poço de ar

Um pássaro estaciona em voo constante
repetido rácico

Sobrepõe-se ao ar nele repousa
tem ócios um emprego de pássaro pontual

«MONUMENTO ÀS AVES»

Com a exacta segurança do guindaste
erguem-se transportando
o peso intenso
do objecto que se ergue

Atmosfera de pássaros
(mágicos cavalgando a
alta realidade)
montanha aérea transposta
por nós aves

O peso desses gordos pássaros
o extenso facto de voo dessas aves
conduz a nossa emigração

DOS PEIXES

Fixemos os animais mutáveis, vidas
em constante deambulação onírica
pela natureza

Quantos sentidos têm, intrans-
missíveis?

E como fixar nos olhos
um peixe
para que ele nos queira?

DOS FELINOS

Nenhum vocábulo detém o gato
e o sublinha, lacónico,
no choro, no crio.

Completo gemido, curvatura, elo.
Despojado, num túnel,
da pele, do pêlo.

Só lhe ganha o homem
ganhando erecção, êxtase,
circulação do sangu
orientada.

DOS RÉPTEIS

A serpente esconde-se
no salto
limite entre o passo
e o voo

Réptil descolado da terra

DOS INSECTOS

Visto e vestido o insecto
como figura de estilo:
uma parte pelo todo,
uma antena por um reino
subterrâneo.

O insecto é o único fosso
temível das metamorfoses.

DOS PAQUIDERMES

O paquiderme
(vinte séculos de morte resumida)
incita à espera

Aquela fábula cita
do homem secular
que no ser hoje música ou
memória
bebeu com a cítara
o mesmo rio de glória

Assim o paquiderme
tocando com uma nota
(cinzenta)
a eternidade
escoa pela tromba
electricidade

Assim o mais redondo
o mais mortal objecto
saindo da sua massa
explode

O SEU A SEU TEMPO